

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernanda Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 3 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

A Lei Federal nº 7.287/1984, que regulamenta a profissão de Museólogo no Brasil, completou 40 anos no dia 18 de dezembro de 2024, data na qual também se comemora o Dia do Museólogo. Nesse sentido, foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para aqueles, aquelas e aqueles que lutam pela profissionalização dos museus, pelos espaços de memória e, principalmente, pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados, pelo Instagram, diversos museólogos(as) registrados e atuantes. Ao todo, foram feitas 10 entrevistas em formato de lives, que foram transcritas, reunidas nesta publicação e serão publicadas ao longo de 2025. As conversas foram realizadas com museólogos de diferentes campos da Museologia, da Gestão Estratégica à Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e a atuação dos nossos registrados nos diversos museus de nossa jurisdição. Nosso intuito é dar acesso a informações sobre o campo, tornando-as, almejamos, fonte de pesquisa, consulta e estudo a trabalhadores, estudantes e interessados.

O COREM 5R agradece a todos, todas e todes que aceitaram o convite; que deram o suporte necessário; que contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade; que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis aos que desejam ver a Museologia cada vez mais humana, diversa e inclusiva. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)

LUCIANA SILVEIRA CARDOSO



Eu acho que [o] museólogo do futuro tem que cada vez mais que se preocupar com as pessoas que ajudam a construir as instituições museológicas. [...] não é aquela preocupação só de ouvir as pessoas que estão ao redor da instituição, mas fazer museus com as pessoas que precisam desses lugares.

Luciana vive em Florianópolis/SC. Ex-diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia – MARQUE - UFSC, é bacharel em Museologia pela UFPel/RS e mestre em Patrimônio Cultural pela UFSM. Mãe, museóloga e professora adjunta do Curso de Museologia da UFSC.

Franciele Maziero | Boa noite a todos e todas que estão entrando. Boa noite, Luciana. Tudo bem? Como vai?

Luciana Silveira Cardoso | Boa noite.

Franciele | Luciana, fala para nós seu nome completo, onde você nasceu, onde mora atualmente.

Luciana | Primeiro eu quero agradecer o convite do COREM pra estar aqui com vocês. Eu vim acompanhando as outras *lives*, então é um prazer. Muito obrigada mesmo! Eu me chamo Luciana Silveira Cardoso, sou gaúcha de Pelotas, interior do Rio Grande do Sul, sul do estado, sou museóloga e vai fazer 11 anos agora em setembro que estou atuando na universidade.

Franciele | Nasceu no Rio Grande do Sul, se formou também no Rio Grande do Sul?

Luciana | Me formei na federal de Pelotas [Universidade Federal de Pelotas – UFPel], na primeira turma do bacharelado em Museologia. A última *live* de maio foi com a Letícia [Oracilda Acosta Porto], né? Eu e a Letícia somos da primeira turma do curso de Museologia da UFPel.

Franciele | Você tem alguma formação além da Museologia? Ou você saiu do Ensino Médio e já entrou na Museologia? Conta um pouco para nós como foi esse processo de entrar na Museologia.

Luciana | Eu terminei o segundo grau e sempre gostei muito de química. Na minha escola tinha um curso, que era tipo técnico em laboratório, era uma coisa assim. E a minha ideia era fazer essa formação. E bem no ano em que eu terminei, que eu passei e podia fazer formação, o curso acabou. Então eu sempre gostei muito. E aí já naquele no ano em que terminei a escola [Colégio Municipal Pelotense], eu já fiz a prova para Química. Nesse momento aconteceram alguns imprevistos, foi o ano de uma enchente bem grande lá em Pelotas — não como a que aconteceu agora no estado, mas foi um ano bem ruim —, e o vestibular acabou sendo atrasado. Não tinha como aplicar a prova. Então, nesse tempo, eu fui fazer Técnico em Contabilidade, pra não ficar parada, e aí depois eu fiz a prova pra Química e fui fazer Química.

Franciele | Tudo isso lá em Pelotas?

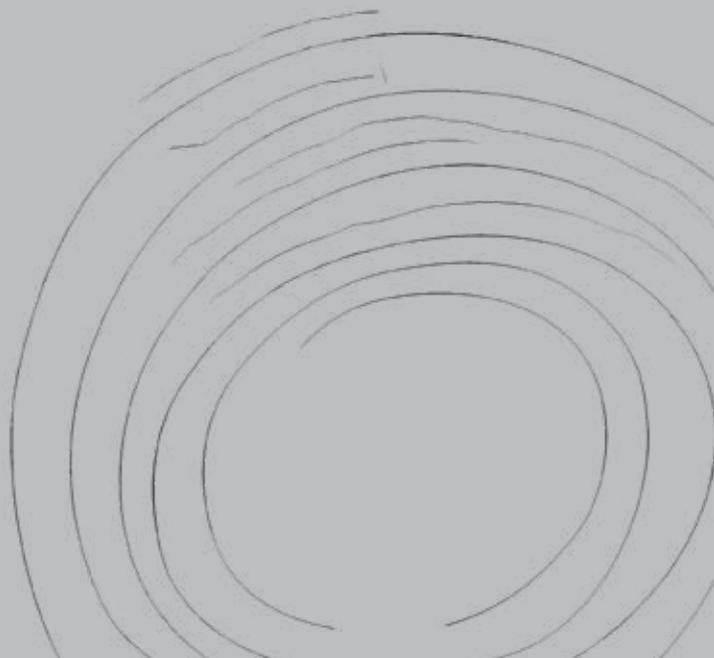
Luciana | Lá em Pelotas.

Franciele | Em que ano?

Luciana | Nossa, assim tu vais deixar claro que eu sou uma senhora... Espera aí, deixa eu pensar... 2003, é, anos 2000...

Franciele | É, já tem um tempinho isso, né?

Luciana | Já... Imagina, eu vou fazer 11 anos de UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. Antes da UFSC, eu fui museóloga numa outra instituição. Então, eu tenho praticamente 15 anos de formada já... Treze, quinze anos... Aí eu terminei o técnico e estava fazendo Química. E todo ano fazia vestibular pra História. Na época que eu estudava para a universidade, não tinha essa legislação que tem hoje que a gente não pode fazer dois cursos na mesma instituição. Então todo ano eu fazia vestibular pra História e sempre ficava “na cara do gol” e não entrava. Tipo, de 50 vagas, eu ficava em 53º; de 30 vagas, eu ficava em 31º. E nunca era chamada. E quando eu estava no meu último semestre da Química, eu deixei para me inscrever — era vestibular de inverno; a UFPel tem vestibular de inverno e de verão — no último dia da prova do vestibular, de inscrição e, quando eu abri, o sistema não tinha História. Tinha Museologia. E eu



pensei “Ah, vou me inscrever para isso mesmo e depois eu vou pra História.”

Franciele | Sim.

Luciana | Eu me inscrevi pra Museologia, fiz o vestibular e fiquei em 33º de 30 vagas. E pensei “Ah, não vai dar, não vai dar, nunca dá”. E aí me chamaram e comecei a fazer Museologia. Fui terminando Química e fazendo Museologia. Fiz um semestre dos dois cursos juntos. Aí eu terminei Química e tava na Museologia um pouco perdida, ainda sem saber muito bem para onde eu ia, mas tava ali.

Franciele | Entendi.

Luciana | Porque, quando comecei a cursar, minha cabeça era uma cabeça completamente de Exatas. Eu tava fazendo o Técnico de Contabilidade. Sempre gostei de Química, sempre gostei de História também. E eu sempre quis estudar Ditadura. Então eu não conseguia ver isso dentro da Museologia. Meu primeiro semestre na Museologia foi um semestre muito difícil pra mim. De quatro disciplinas, eu peguei exame em três. Porque a minha cabeça era uma cabeça de cálculo, de cores mudando no laboratório. E aí tu chegas e vais ler [Maurice] Halbwachs [na disciplina de] Memória e Patrimônio; tu vais ler [Henri] Bergson... Pra mim, nada daquilo fazia sentido assim. Então eu peguei três exames de quatro. Então eu pensava “Estou aqui dentro da universidade, daqui a pouco eu vou pra História ou faço outra coisa. Mas eu demorei uns dois semestres ou três pra me encontrar dentro da Museologia.

Franciele | Teve algum professor, alguma disciplina, algum colega que te ajudou nesse processo? Como é que foi? Porque aí você sentiu essa dificuldade durante um ano e meio de faculdade...

Luciana | Foi um ano bem difícil pra mim. Foram o primeiro e o segundo semestres. Eu lembro que, na primeira fase, eu peguei três exames e quase desisti. Aí eu fiz os exames e aprovei, com notas pífias, mas aprovei. Fui pro segundo semestre e já tava um pouco mais à vontade, mas ainda perdida. E aí, nesse momento — como eu tava meio perdida ainda —, eu resolvi fazer vestibular pra Gestão Ambiental. Falei “Ah, vou tentar outra coisa, porque na Química eu trabalhava muito com água e afluente, muito com o meio ambiente mesmo. Então eu fiz o vestibular pra Gestão Ambiental e passei. E aí falei “Vou levar mais um semestre dos dois cursos e depois eu escolho”. E aí eu cheguei na terceira fase da Museologia, quando eu tive documentação museológica e conservação preventiva I.

Franciele | E aí começa a chegar mesmo na área da Museologia, né?

Luciana | Exato, porque onde é que eu peguei o exame? Epistemologia, Introdução à Antropologia, Memória e Patrimônio. Eu peguei em todas essas áreas correlatas, mas Introdução à Museologia, por exemplo, eu fiquei com uma nota ótima. Eu tive aula com Mário Chagas e com o Cícero [Antônio Fonseca de Almeida]. E foi ótimo! As disciplinas de Museologia não eram um problema, mas o resto era. Então, ao descobrir documentação museológica e conservação preventiva, eu falei “Ih, acho que eu cheguei num lugar legal... E aí nesse mesmo semestre, o museu da Baronesa, lá

em Pelotas, que é o museu do meu coração, abriu vaga pra estágio. Eu me inscrevi e fui aprovada. Então eu comecei a fazer estágio com a professora Nordes Leal, que, na época, não era professora da UFPel, era museóloga no Museu Militar do Comando Militar do Sul, em Porto Alegre, mas ela tinha um projeto com o museu e estava organizando a reserva técnica. Eu entrei no projeto pra trabalhar na reserva com as questões de conservação e documentação museológica. E aí ali eu pensei “Gente, eu me encontrei! É isso aqui o que eu quero fazer, é aqui onde eu quero estar.” Tanto que eu fiz dois semestres de Gestão Ambiental e tranquei o curso, nunca nem voltei depois.

Franciele | Deixou de lado...

Luciana | Deixei as Exatas de lado. E aí eu fiquei na Museologia muito por essas disciplinas, por conservação e documentação museológica.

Franciele | E esse contato com o museu, então, foi quando você já estava dentro da faculdade. Como é que era a sua relação com os museus? Visitava museus ou só com a escola?

Luciana | Fran, até entrar na faculdade de Museologia, eu fui uma vez ao museu com a escola. Eu não lembro a idade que eu tinha, mas eu imagino que entre oito e dez anos, e era uma semana, acho que de aniversário de Pelotas, alguma coisa assim. A escola fez um passeio, e a gente foi na praça, no museu, conhecer os prédios do centro histórico de Pelotas... Foi a única vez na minha vida que eu fui a um museu, na escola, nesse passeio. Nunca mais eu fui ao museu. Eu realmente não tinha clareza do que era um museu. Eu enxergava muito o museu como aquele lugar, não um lugar de coisa velha, porque eu não o via assim, mas um lugar de história, de coisa antiga, vamos dizer assim. Então o meu contato era zero. O que me fez ficar na Museologia foram as disciplinas de documentação, museológica e conservação preventiva, foi o estágio no museu, e eu tenho um colega, que é o Mateus Cruz, que é museólogo da UFPel hoje... quando a gente tava na segunda fase da faculdade, ele um dia me acompanhou até o curso de Química. A gente foi caminhando e teve, acho, que uma conversa de uns 40 minutos. “Ah, não sei se é isso, estou meio perdida e tal”. E eu acredito que foi uma boa conversa. Então acho que o Mateus me ajudou muito a não desistir naquele momento, mas o que me fez ficar mesmo foram as disciplinas de documentação e de conservação, e o estágio no museu, sem dúvida nenhuma.

Franciele | Eram professores museólogos que lecionavam essas disciplinas?

Luciana | Não, é que eu sou da primeira turma da UFPel. E o nosso curso era REUNI. Então foi aquele primeiro curso “vamos abrir e ver no que vai dar”. A gente tinha disciplinas nas quais a grade em si era ministrada pelo pessoal da História da UFPel, mas a gente tinha, por exemplo, as disciplinas de Museologia específicas, com uma parceria com a Unirio. Então eu tive aula com o Mário Chagas, com o Cícero de Almeida, com a Rose [Moreira de Miranda, com muitos desses professores museólogos, mas não que eles tivessem lá com a gente.

Franciele | Sim, entendi.

Luciana | E essas disciplinas de conservação e documentação eu

lembro que a gente começou a ter com um, dois professores que eram substitutos e aí a gente teve uma oficina com a Rose Miranda e uma oficina com Ivan Coelho de Sá, de Conservação. Mas a gente tinha mesmo é disciplina com os substitutos. Com museólogo mesmo, fomos ter aula na quinta fase ou sexta fase, quando entraram os professores museólogos, o professor Diego Ribeiro e o Daniel Vianna, que assumiram as disciplinas. E aí eu tive Gestão em Museus com o professor Diego, que é o mestre da minha vida. Sou devota do Diego. É um grande amigo, e eu sou muito fã de carteirinha, todo mundo sabe, eu sempre o elogio, pois que eu sei de Museologia é graças a ele.

Franciele | Como era conciliar o trabalho, a faculdade e o estágio? Você só se dedicou à faculdade e ao estágio?

Luciana | Eu fui assistida por todos os benefícios sociais que a universidade dispunha. Então eu tinha o vale-transporte, o auxílio-alimentação, uma bolsa pra me manter. Eu tive bolsa de monitoria, bolsa de extensão, bolsa de pesquisa. Tive muito benefício de poder ser uma estudante e apenas estudante. Eu não trabalhei como CLT durante a minha graduação. Fiz esse estágio no Museu da Baronesa, que foi um estágio que me acompanhou da minha segunda fase até a minha formatura, por meio do qual a gente tinha uma bolsa que era muito boa para a época. Hoje em dia não é nada, mas devia ser uns R\$ 600, enquanto as outras bolsas eram R\$ 200. E a gente tinha vale-transporte, e eu tinha o auxílio-alimentação da universidade, e sempre tava num projeto. Eu fui aquela aluna que fui 100% aluna. Então eu fazia todas as disciplinas, eu ia a todos os eventos, quando abria a monitoria, seleção de estágio, extensão, eu tava inscrita. “Ah, vai ter uma aula, eu não sei do que, eu tava.” Eu fazia todas as coisas. Eu passei os quatro anos da minha formação vivendo a Museologia. Isso é mesmo uma bênção. Não é a realidade de todo mundo. Eu tinha colegas que trabalhavam. Tinha colegas em situações muito melhores do que a minha, mas é um superbenefício, porque eu nunca precisei me preocupar com nada que não fosse só com as leituras e as coisas do estágio em dia. Tinha que seguir tirando boas notas pra poder manter as bolsas, mas eu fui uma estudante em tempo integral.

Franciele | E essas pesquisas e participações que você fazia culminaram no seu TCC?

Luciana | Eu comecei a fazer o estágio na Baronesa e a participar desse projeto. E continuei... Bom, fiquei no museu até me formar. E aí eu fui participando de outros projetos ao longo da formação. Mas, quando os professores Diego e Daniel chegaram, eu entrei mesmo nos projetos da área da Museologia. Participei de uma pesquisa sobre Musealização da Arqueologia, trabalhei em extensão em museus rurais, o Museu Grupelli. A gente tinha aquele roteiro de museus, mas a minha pegada sempre foi conservação. Acho que foi onde eu consegui me ver aplicando todo o conhecimento que eu tinha. Eu acho que, quando eu vi a conservação e que eu conseguia aplicar muito do que eu sabia de Química, de reações, de temperatura e tal, eu me senti num terreno confortável, num terreno bom. Então, durante o tempo em que eu tava na Museologia, a UFPel abriu o curso de conservação e restauro, que era noturno, e a Museologia era diurno. Então eu passava a manhã tendo curso na Museologia; à tarde em estágio em bolsas, em projetos, e eu fui puxando disciplinas do curso de conservação e restauro,

as que eu conseguia. Eu conheci o professor Jaime Mujica, que foi meu meu coorientador de TCC e aí eu já fiquei nesse lugar da conservação, sabe? No Museu da Baronesa, quando acabou o projeto, a gente seguiu como estagiário. A Annelise [Costa] Montone, que hoje é professora da UFPel, mas na época era diretora do museu, nos convidou pra organizar o projeto, e eu já fiquei junto com a Letícia com as questões de acervos também. Então, assim, eu fiz projetos em muitas áreas: musealização da Arqueologia, museus escolares, museus de colônia, mas o meu olhar sempre foi pra conservação, que foi o meu TCC.

Franciele | Ah, o teu TCC foi então sobre isso...

Luciana | Foi sobre conservação preventiva e reservas.

Franciele | Você se formou em que ano, mais precisamente?

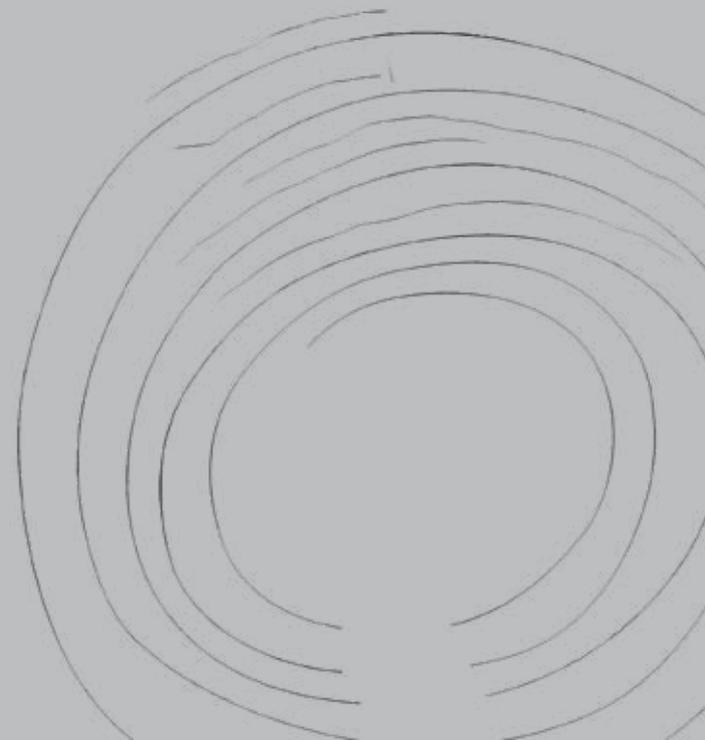
Luciana | 2010/1.

Franciele | Dois mil e dez, imagina, foi há 14 anos. Nós tínhamos uma outra realidade. Você estava no Rio Grande do Sul, veio para Santa Catarina e disse que já atuou em outro museu como museóloga. Como é que foi esse processo. Comenta com a gente aqui.

Luciana | Eu me formei dia 21 de agosto de 2010. Em setembro, abriu uma seleção para Ijuí, região noroeste do Rio Grande do Sul, perto das Missões. Eu me inscrevi, fui fazer a prova e fui selecionada. Em outubro eu me mudei pra Ijuí... Eu sei que o meu contrato iniciou dia 13 de novembro. Então eu me formei em 21 de agosto e, em 13 de novembro, eu tava contratada pela Unijuí, pela Fidene [Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado], que é a fundação que mantém a universidade. Então eu era a museóloga da fundação e da universidade.

Franciele | Já tinha conseguido registro no COREM 3R? Foi tudo muito rápido, né?

Luciana | Sim, me formei e já encaminhei minha documentação super-rápido. Tanto que, quando eu assumi, eu não tinha minha carteirinha, mas eu já tinha a minha numeração, lá pra documentação. Então assim, eu me formei em agosto e, em novembro, já tava empregada. Saí do sul e fui para o noroeste, mas já tava empregada. E aí eu fui para lá, foi uma experiência louca, porque eu fui como museóloga mesmo



do museu, né? Então assim, recém-formada e tu já é a pessoa responsável não por um setor, mas por uma instituição toda. Depois de chegar lá, eu entendi que a Unijuí é meio que um polo da região noroeste. Então ela dá assistência para muitos outros municípios. Eu tava ali sentada e me ligava de Santo Ângelo “Tem como vir aqui final de semana pra resolver tal coisa?” Então foi ótimo. Foi uma experiência ótima, porque eu fiquei três anos lá como museóloga, até 2013. Eu fiquei esses três anos lá, mas eu conheci a região, eu fiz projetos, eu conheci gente, fui do conselho, fui representante da região no conselho, porque era muito dinâmico. Não foi um trabalho só de museóloga dentro do museu. Mas foi um trabalho muito de entender essa articulação local. E aí, estando lá em Ijuí, sentia muita falta de estudar. Então eu comecei a fazer uma especialização em Elaboração e Gestão de Projetos Culturais. Eu fiz essa especialização de uma universidade particular; era aos finais de semana. E aí surgiu a oportunidade de fazer a seleção de mestrado para a UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]. Fui, fiz a seleção e fui aprovada no Programa de Patrimônio Cultural. Comecei a fazer mestrado e, numa dessas aulas, começaram a comentar que ia abrir concurso na UFSC, na Museologia. E aí eu fiquei atenta e fiquei procurando edital. Quando o edital saiu, eu resolvi me inscrever. Me inscrevi no concurso aqui pra UFSC e vim fazer “na cara e na coragem”, sem mestrado, sem saber. Eu já tinha feito uma seleção pra professor. E tinha ficado aprovada em segundo lugar. E aí eu vim para cá e fiz a prova. Aí foi assim que eu cheguei em Santa Catarina. Eu vim fazer o concurso. Tinham três linhas abertas na época. Eu fiz pra linha de Conservação. E aí fiz a prova e fiquei em primeiro lugar, me mudei para cá no início de 2013. Então, eu cheguei em Ijuí em novembro de 2010 e eu saí de Ijuí em setembro de 2013.

Franciele | E essa mudança... Imagino que, tal como a Letícia e outros profissionais, sair do estado para adentrar em outro, começar, morar, tem toda a questão cultural também... Como foi isso para você? Teve um impacto? Foi tranquilo?

Luciana | A minha vida inteira, desde criancinha, eu sempre quis morar na praia. Eu falo isto e as pessoas dão risada: em uma agendinha de quando eu aprendi a escrever, eu escrevi um bilhete para minha mãe dizendo para ela que eu pedia desculpa por não poder estar com ela nas festas, nos aniversários, mas é que eu tava trabalhando e morando na praia. Então, desde os cinco, seis anos, eu queria morar na praia. Estar em Florianópolis foi a grande realização desse sonho de morar na praia. Então, eu acho que culturalmente é difícil, porque essa coisa do gaúcho de estar junto, de muita gente e tal, aqui em Floripa é mais reservado. Dá mais tempo pra se conhecer e estabelecer relações de amizade, mas, em contrapartida, eu tô morando na praia, com o emprego dos meus sonhos, trabalhando com Museologia, que era o que eu sempre quis. Então eu acho que não foi fácil, mas eu “tirei de letra” as relações pessoais. Porque uma outra coisa é que Floripa tem muita gente de fora. Então, minhas primeiras relações aqui foram com pessoas de São Paulo, do Rio, do Paraná. Depois eu fui conhecendo manezinhos e catarinenses como um todo. Mas no começo, me relacionei muito mais com paulistas, cariocas, paranaenses do que com catarinenses mesmo.

Franciele | E aí, quando vai para Florianópolis, você é servidora federal?

Luciana | Sou servidora federal.

Franciele | Não é do IBRAM, do MEC... Explica o seu vínculo com o governo federal pra gente.

Luciana | A minha vaga é para professor. Então hoje eu sou professora. Meu local de trabalho é a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, minha fonte pagadora, e a instituição que me acolhe é o Ministério da Educação. Então eu estou vinculada ao MEC. A minha função dentro do MEC é docente, mas as especificidades do meu cargo são de bacharel em Museologia. As pontualidades da minha seleção, do meu cargo são de bacharel em Museologia. Formação em universidade reconhecida pelo MEC, que tivesse cadastro no conselho, todas essas questões pra poder assumir como docente, mas hoje a minha função, vamos dizer assim, para o Imposto de Renda, é docente, professor, não é museóloga.

Franciele | Sim, mas você atuou também como diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC – MARquE, né?

Luciana | Sim, no MARquE, que é vinculado ao gabinete da reitoria. O museu é de responsabilidade do gabinete, não é de nenhum curso, de nenhum departamento. Então o gabinete, dependendo das mudanças de gestão, vai resolvendo e indicando possibilidades de nome para assumir a gestão. Logo na minha entrada na UFSC, já tava tendo uma discussão sobre as indicações de nome, sobre o museu ter um conselho. E isso foi se implementando ao longo desse tempo. Então, em 2018, surgiu a oportunidade de eu pegar a direção do museu, que era ocupada pela Vanilde [Rholing Ghizoni], a conservadora-restauradora do museu, que é maravilhosa como pessoa e como profissional. Ela ia acabar a gestão dela e não tinha interesse em se manter. E aí surgiu a oportunidade e se tem por praxe também indicar docentes pra assumir. Eu sou de um posicionamento que quem faz o museu é o seu corpo técnico. Nós, docentes, temos que fazer pesquisa no museu, que auxiliar o museu, mas não necessariamente fazer a gestão. Mas naquela circunstância, naquele momento, se entendeu que talvez o nome de um docente museólogo fosse interessante, e aí eu fui indicada pelo próprio gabinete, na gestão do professor Ubaldo [Cesar Balthazar]. Eu fui indicada, o conselho aprovou meu nome e eu fiquei na gestão do museu até a pandemia. Eu saí em 2021, apesar de que a minha gestão era pra ter terminado em 2020, mas, em função da pandemia, a gente estendeu mais um tempo até ter um pouco mais de clareza do que ia acontecer.

Franciele | Teve uma época que o museu ficou fechado para o público, se eu não me engano...

Luciana | Então, eu fui a diretora nessa época. Eu fui a diretora que, junto com a equipe técnica, optou por fechar o museu. Aconteceu o incêndio no Museu Nacional, e a gente não tinha nada, não tinha nem a liberação do Corpo de Bombeiros, nenhum documento institucional; a gente tinha problema com o extintor, com infiltração, com rede elétrica. Então a gente fez uma conversa enquanto corpo da instituição e optou por fechar as portas do museu mesmo. Eu digo que eu carreguei isso na minha bagagem: eu fui a diretora que fechou o museu. O professor Lucas Bueno, que me sucedeu, fez a reabertura em 2021, porque daí já tinha documentação de segurança.

Franciele | E como é ser gestora de um museu, ser servidora pública federal? A relação com os superiores é tranquila? Se precisar de algo, reporta e consegue? Como é isso?

Luciana | Não, a experiência da UFSC e, pelo que eu acompanho, é a experiência de alguns outros museus universitários, é de um certo desconhecimento da gestão da universidade sobre o que é ter um museu universitário. Os museus, como o MARquE, são museus de caráter universitário. Eles estão dentro das universidades, eles são geridos pelas universidades. Então, é muito complicado, porque as pessoas não têm esse entendimento. “Ah, é um museu de Arqueologia.” Sim, de tipologia arqueológica, mas ele, enquanto administração, enquanto gestão, é universitário; ele segue as diretrizes da universidade. É complicado assim. Eu acho que, ao longo destes últimos dez anos, o MARquE conseguiu se entender e se posicionar como vinculado ao gabinete. Ou seja, o gabinete tem responsabilidade com a gente. Só que o gabinete muda a cada três anos de reitoria. Então após esse período é meio quase que um convencimento da sua importância para a nova gestão. O museu não tinha orçamento próprio, não tinha o poder de tomar alguns tipos de decisões administrativas e burocráticas. Algumas coisas a gente precisava passar pela reitoria obrigatoriamente, outras ficavam a cargo de a gente pensar dentro do museu. Coisas pequenas que parecem bobagem, mas no dia a dia da instituição dá muito trabalho. Por exemplo, o patrimônio do museu está vinculado ao patrimônio geral da universidade. Então tu tens que pensar todos aqueles levantamentos patrimoniais de burocracia, mas, em termos, equivale a um museu, porque o mobiliário não fica estático; ele se locomove, porque as exposições são montadas. A minha relação com os superiores sempre foi ótima. Não sei se querida, mas benquista pelas gestões do professor Ubaldo, pelo chefe de gabinete, o professor Áureo [Mafrá de Moraes]. Depois a gente teve o professor [Álvaro Guillermo Rojas] Lezana. Sempre me receberam superbem. A gente conseguiu encaminhar, mas eu acho que muito nesse trabalho de convencimento. As pessoas não entendem o que é um museu universitário...

Franciele | Às vezes me dá a impressão de que as pessoas não sabem o que é um museu em geral.

Luciana | É, perfeitamente...

Franciele | Todo mundo sabe de museu, menos o museólogo. “Ah, não, mas aqui não precisa de museólogo, a gente faz aqui, né?”

Luciana | A gente já resolve...

Franciele | Perguntando sobre a questão dos desafios. Hoje, quais são os desafios que você vem encontrando como profissional? Porque, acima de tudo, você é museóloga, certo?

Luciana | Sim, eu me reconheço como museóloga. Se vocês olharem o meu Instagram, vão ver museóloga e professora, sempre, em qualquer lugar. Se eu tiver que preencher a profissão, eu boto museóloga e professora. Eu acho assim: estou na docência, estou professora. Acho que o meu maior desafio hoje na profissão é fazer com que os museus, as instituições museológicas entendam a necessidade de ter os nossos profissionais dentro dos museus, seja disponibilizando

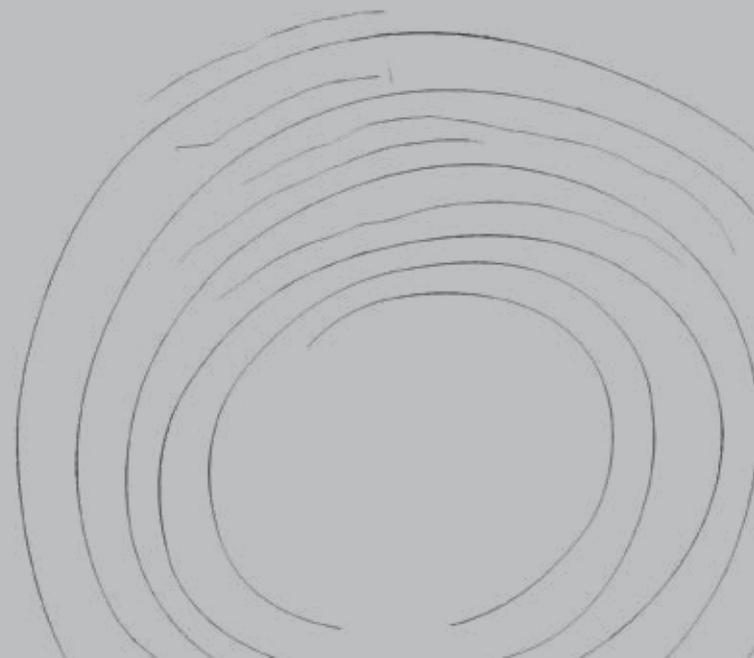
estágio, seja fazendo contrato temporário ou contrato para projeto. Acho que hoje esse é o desafio. Eu tenho visto turmas na universidade cada vez mais interessadas, alunos e pessoas cada vez sabendo mais o que elas estão fazendo lá. Isso é incrível, porque eu estou há dez anos na universidade; eu já dei aula para turmas inteiras que estavam ali “Ah, eu já estou na minha quinta graduação, não quero fazer isso”. E hoje, não, esse grupo tem mudado, e a gente tem visto que, em sala de aula, cada vez mais o pessoal está interessado em como fazer, em editais, em como resolver. Então, acho que a gente tem um grupo se formando cada vez mais ativo e entendendo o que tá fazendo, não vivendo a Museologia como um apêndice da História ou vivendo a Museologia como “Ai, aqui a gente passa paninho no acervo” ou como se fosse um braço da educação. Não! Entendendo a Museologia nesse lugar centralizador que tem o conhecimento geral e amplo e que precisa dos seus parceiros. Mas eu acho que as instituições ainda não conseguem entender esse lugar. Acho que, no final de tudo, a gente ainda tem o mesmo problema, que é o fato de as instituições — tanto os museus quanto as instituições que mantêm os museus — entenderem a obrigatoriedade, a necessidade do museólogo dentro dos museus.

Franciele | Você acredita que a comunidade em geral sabe quem é o profissional museólogo? Sabe a importância de ter um museólogo dentro da sua comunidade?

Luciana | Não, e hoje me arrisco a dizer que quem mais sabe da importância de ter um museólogo e de ter um museu são as pequenas comunidades, os pequenos grupos. Porque a gente vê, por exemplo, aqui em Floripa, muitos pequenos grupos que nos procuram pra organizar o material ou propor uma ação educativa. Os pequenos grupos têm mais entendimento — não digo de museu, mas de se entender enquanto patrimônio cultural, enquanto espaço de memória — do que os grandes.

Franciele | Como a comunidade acadêmica vê o curso de Museologia da UFSC?

Luciana | É muito engraçado, porque o nosso curso no Centro de Filosofia e Ciências Humanas tem o menor índice de evasão, tem o maior número de permanência pós-matrícula e, mesmo assim, a gente ainda ouve “Tem Museologia?”, “Nossa, é sério, mas o que vocês fazem?” Ele é um curso muito pequeno ainda. Nós somos quatro docentes



— estamos, inclusive, aí, museólogos, fiquem atentos, pois provavelmente em 2025 vai sair concurso pra professor — e seremos cinco. Então, a gente, como curso, não tem também essa grande expectativa de termos 5.000 alunos, porque não temos pé; somos um curso pequeno, mas que faz bastante barulho, que ocupa bastante espaço. Nós, enquanto docentes — não posso falar em nome de todas as quatro —, mas a gente costuma estar nos lugares estrategicamente, e os nossos alunos também. A gente tem alunos que fazem projetos fora, na Nutrição. Quando a gente vê, os nossos alunos estão nos chamando para organizar um museu, um memorial, um acervo que estava lá não sei onde. Então, hoje são o nosso carro-chefe aqui, né? São quem nos levam pra dentro da universidade, mas a universidade ainda tem uma certa dificuldade de entender quem nós somos, o que estamos fazendo aqui.

Franciele | Em relação a isso, você em algum momento chegou a pensar “Quero desistir, não estou mais aguentando, a situação tá difícil”, como museóloga, professora, servidora federal?

Luciana | Não por causa da Museologia ou da docência. Eu cheguei a pensar assim por questões de sobrecarga de trabalho, mas aí isso tem muito mais a ver com a gestão, com as questões dentro da universidade do que com o nosso campo, né? Eu acho que eu não desisti, porque eu continuo acreditando na Museologia, porque eu ainda... Não sei se vai fazer sentido para quem nos assiste e para quem é docente, mas a sala de aula é o meu lugar de conforto. Então, todas as vezes em que eu pensei em desistir foi muito no sentido de estar com uma sobrecarga e estar passando do limite do cansaço físico e mental, não na sala de aula, no ensino de Museologia, e sim na burocracia, nas chatices do trabalho, mas aí eu chego em sala de aula e a sensação que eu tenho é que lá é o lugar que a gente oxigena, e até vi que a Lívia tava falando agora, quando eu tive um problema de saúde, fiquei afastada um tempo, nesse momento que eu quase desisti. E, quando eu retornei, estar em sala de aula com a turma delas, que é a turma da Lívia, da Fabi e da Rafa, era assim, o meu lugar de conforto. Ir para a universidade era um peso, mas estar com eles em sala de aula e falando de Museologia era o que refrigerava. Então, nunca a profissão me fez querer desistir, não. Foi por outras coisas.

Franciele | Me parece que você tem esse orgulho. Sou museóloga! Fiz Museologia! Eu particularmente acho muito bacana, porque tem muitas pessoas que estão dentro de museus, mas não se posicionam como museólogos e sempre ficam um pouco ressabiados em se posicionar, ou por medo da gestão, ou por medo de alguma outra coisa. E também pessoas que — claro, cada pessoa sabe de si — acabaram saindo, cancelando seus registros... “Ah, não, sou um bacharel, mas não quero mais ser museólogo, não vejo perspectiva”. E aí eu escuto a sua fala e acho muito bacana escutar isso de você, que está aqui em Santa Catarina e está dentro de uma comissão do conselho. Enfim, hoje, Luciana, quem é a profissional Luciana? Você possui algum sonho ainda, alguma coisa que gostaria de compartilhar com o nosso público que está nos ouvindo ou vai nos ouvir?

Luciana | A Luciana hoje, que passou por questões de saúde difíceis, é uma Luciana que se reinventou toda a partir daquele momento, se recolocou nesse lugar. Foi nesse momento em

que a Luciana entendeu, acho que mais do que nunca, o quanto a Luciana gosta e é museóloga; o resto vem, mas eu sou e estou museóloga. A Luciana também se tornou mãe nestes últimos anos, e se tornar mãe também é uma mudança na quebra. O teu cérebro muda a química da tua vida. Então, o que eu tenho de sonho hoje, acho que, academicamente falando, é terminar minha tese, que tá parada ainda. Mas a Luciana museóloga ainda tem o objetivo de conseguir se organizar, trabalhar de uma forma que possa desenvolver projetos mais íntimos com as instituições museológicas, não só de Florianópolis, mas pelo menos do litoral, aqui próximo, onde a gente consegue se locomover em duas, três horas. Este é ainda o meu objetivo: dentro do campo da Museologia, ter um vínculo mais próximo com as instituições museológicas; desenvolver projetos, principalmente no campo da gestão, pra que os museus consigam se entender... Eu percebi isto com o meu mestrado: os museus não conseguem se entender, porque eles têm falta de olhar para a sua gestão. Então esse é o sonho da Luciana museóloga; e da Luciana museóloga e professora, eu ainda quero, ainda é um objetivo dentro da universidade — eu ainda tenho muito tempo pela frente, tenho só 11 anos de casa, pelo menos mais 20 eu tenho pela frente — poder estruturar na UFSC uma rede de museus universitários, um sistema pra gente conseguir mapear as instituições que a gente tem dentro da UFSC e também, quem sabe, em algum momento expandir isso pras outras universidades que estão aqui próximas da gente. Esse é um objetivo que vai demorar, talvez, mais uns quatro, cinco anos, mas é um grande projeto que eu quero desenvolver dentro da universidade.

Franciele | Muito legal. Como é que você acredita que vai ser o museólogo do futuro? Ele tem que estar mais preparado academicamente pra entrar no museu e trabalhar?

Luciana | Eu acho que esse museólogo do futuro tem que cada vez mais que se preocupar com as pessoas que ajudam a construir as instituições museológicas. Então, não é aquela preocupação só de ouvir as pessoas que estão ao redor da instituição, mas fazer museus com as pessoas que precisam desses lugares. Eu continuo acreditando que os profissionais museólogos têm que ir pra dentro dos museus. Eles têm que ir, abrir a porta e as reservas técnicas, tirar os acervos para fora, abrir as gavetas, os sistemas, ver a documentação museológica. É, tem que ir no cerne. Não vou dizer que eu sou barrosiana mais, algum tempo atrás eu diria isso, mas eu acho que a gente tem que pensar a instituição como um todo. Partir, sim, muito do acervo, seja ele físico ou não. E a gente precisa de uma estruturação e de uma organização. Eu acho que é o papel, sim, do museólogo estar dentro das instituições, baixar a cabeça e ter o seu momento dentro da sua instituição, entendendo o processo da sua instituição. Mas, sobretudo, pensando, e construindo, e formando instituições com as pessoas que estão ao redor. Não estou falando de sentar ouvir a comunidade. Eu estou falando de fazer com as comunidades, de estar com elas.

Franciele | Isso é difícil, né? Não só para o museólogo, mas pra todos.

Luciana | Até porque estar com as comunidades é entender vários processos e entender que também essas comunidades são muito fluidas. Mas eu acho que esse é o museólogo do futuro. Ele tem que estar pronto, não só pra dominar os sistemas, mas pra entender as pessoas.

Franciele | E a questão de união de classe? Este ano nós fazemos 40 anos de regulamentação da nossa profissão como museólogos. Eu sempre pergunto para todos que estão sendo entrevistados: você acha que nós somos uma classe unida?

Luciana | Não, não acho que nós somos uma classe unida. Acho que, pra sermos desunidos como somos, nós até respeitamos bem o nosso código de ética, mas eu acho que a gente, enquanto corpo profissional, poderia construir muito mais. E eu acho que o exemplo disso é o fato, por exemplo, de quantas vezes abrir chamada para a eleição do COREM, e as pessoas não estarem juntos e participarem. Não quererem participar de uma comissão ou quando faz um evento e não há a participação das pessoas. Então eu acho que, enquanto museólogos, nós não somos uma categoria unida, não. Respeitosa diria, mas unida não.

Franciele | Pensando nessa questão do encontro de museólogos... Nós temos na nossa programação a ideia de fazer o Encontro dos Museólogos da 5ª Região. Fazer em Curitiba ou em Florianópolis. Quem sabe a gente poderia fazer na UFSC, na Unespar, enfim, pensar algo nesse sentido...

Luciana | Com certeza!

Franciele | Uma última fala, uma mensagem para quem está assistindo à *live*, para os seus alunos, para quem tem interesse em se formar em Museologia ou começar o curso. O que é que você poderia dizer, uma dica...

Luciana | Eu acho que é acreditar e seguir em frente se você em algum momento pensou ou se interessou em Museologia. Eu acho que a nossa profissão é uma profissão linda. A gente não tem noção do potencial dela até a gente fazer o curso. Não digo só cursar, fazer Museologia. A gente tem que acreditar nesse lugar e fazer dessa profissão aquilo que é o melhor, não digo o ideal, mas o melhor. O que eu diria pros meus alunos? Eu amo dar aula. Eu amo estar com eles em sala de aula. Eu sou muito grata ao carinho e ao afeto que eu recebo deles. Sempre, mesmo quando a gente tem discordâncias, quando alguém fica bravo comigo por alguma coisa ou eu fico brava com alguma coisa... A gente tem uma relação que é muito orgânica. Então, pros meus alunos eu só quero dizer “Muito obrigada por vocês, por estarem comigo, por me ouvirem, por estarem nas minhas aulas.” E para os profissionais que puderem estar aqui ou que vão nos assistir, eu só quero dizer “Vamos construir juntos, vamos estar juntos.” Eu acho que eu estou hoje num lugar que é muito positivo, a universidade. A gente tem possibilidade de criar muita coisa, de fazer muita coisa, de pensar muita coisa dentro da universidade. Então, usem, nos usem enquanto universidade, nos acessem enquanto universidade, pra gente fazer essa Museologia crescer e essa Museologia ser aquilo que ela merece ser. Porque o estado de Santa Catarina precisa de museólogos. Então a gente pode fazer museólogos e a Museologia que o estado precisa.

Franciele | Com certeza!

Luciana | Eu acho que é isso o que eu diria para as pessoas.

Franciele | O pessoal aqui no chat está comentando bastante, estão te elogiando bastante, pelo carinho, pela professora que

você é. Não sei se alguém tem alguma pergunta específica pra Luciana. Enfim, Luciana, nós agradecemos a sua participação aqui. Não sei se queres deixar o teu e-mail, algum contato, pra caso alguém tenha alguma dúvida... Surgiu uma pergunta: quais seriam as opções de mercado de trabalho para além de museus? Essa pergunta vem da Andréia.

Luciana | A gente acaba centralizando muito nos museus, mas os museólogos podem trabalhar em universidades, centros culturais, ateliês de restauro, centros de documentação. Eu conheço museólogo que trabalha em ateliê de costura, que trabalha em galeria de arte. E isso tudo falando de uma Museologia mais tradicional, pensando no acervo, mas a gente tem também pessoas trabalhando nas comunidades. Tem vários projetos em colônia de pescadores aqui em Floripa, de rendeiras, nos quais a gente tem a presença de museólogos também...

Franciele | Que interessante isso...

Luciana | Então, o campo é muito amplo, né? A gente acaba pensando nos acervos sempre, mas, para além dos acervos, a gente tem agora toda essa nova — que não é mais nova, né, a gente fala nova, porque eu não consigo ir acompanhando... mas toda essa discussão sobre Tainacan, esses novos sistemas de documentação museológica... Tem muito museólogo que está estudando e se aprofundando nessas questões, até de TI e de IA, pra poder trabalhar com sistemas. Então, todos esses lugares são lugares que o museólogo vai estar e pode estar.

Franciele | Encerramos a nossa *live* e novamente muito obrigada por aceitar. Enfim, se você puder, deixe os seus contatos pra quem quiser perguntar alguma coisa. Não sei se você tem Instagram, se as pessoas podem adicionar você...

Luciana | Claro! O meu Instagram é o @luciana.silveira; meu e-mail, luciana.silveira@ufsc.br e o WhatsApp, (48) 9 9667.8985.

Franciele | Anotem, porque a Luciana está se colocando à disposição aqui. Lembrando que esta *live* acontece todo mês. Então, nós agradecemos, e eu agradeço particularmente a tua participação. Acho que a sua carreira é muito bonita e inspiradora no sentido de que você fala com muito orgulho sobre a profissão, sobre a importância dos museólogos estarem dentro dos museus. Então só tenho a agradecer e torcer também pra que os seus desejos, os seus sonhos como profissional museóloga se realizem. Nós, enquanto conselho, estamos abertos pra diálogos, parcerias.

Luciana | Muito obrigada, obrigada ao COREM pelo convite. É um prazer sempre poder construir junto, poder estar junto. Contem comigo e vamos conversando.

Franciele | Obrigada a todos e todas que assistiram à nossa *live*. Lembrando que ela vai ficar gravada aqui. Então, quem não pôde acompanhar, assistir, vai poder assistir depois. Até mais.

Luciana | Tchau, gente, boa noite, até mais.

Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOUREARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855